

## DESBRAVANDO A HISTÓRIA DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS: ENTRELAÇANDO MEMÓRIAS<sup>1</sup>

Dalva de Araujo Menezes <sup>2</sup>  
José Roberto Menezes dos Santos <sup>3</sup>  
Karla Adriana de Jesus Batista <sup>4</sup>  
Maria Durciane Oliveira Brito <sup>5</sup>

### RESUMO

O presente artigo traz uma breve contextualização referente ao que foi pesquisado a respeito da memória e identidade entre lutas e conquistas da Comunidade Quilombola Vila das Almas na cidade de Brejo no Maranhão. Surgindo, a intenção de responder a seguinte problemática: Que relatos são mencionados pela população da Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir da memória, identificando suas lutas e conquistas para o entendimento da sua identidade como remanescentes de quilombos? Traçamos como objetivo geral: Compreender o processo de formação das identidades coletivas e das memórias da Comunidade Quilombola Vila das Almas, no sentido de problematizar seus principais embates e relações entre si e entre os grupos sociais que circundam tais comunidades. Para o embasamento teórico, a pesquisa foi fundamentada em alguns autores como: Arruti (2006); Larchert (2013); Maia (2012), dentre outros livros, artigos e Leis. Optamos pela abordagem qualitativa, utilizando como técnica de coleta de dados a observação e a entrevista semiestruturada com três moradores, fundamentado nos estudos de Cervo (2022) e Gil (2014). Notou-se ao diálogo com os sujeitos, que é evidente a força da busca da visibilidade e respeito dos mesmos dentro da sociedade. Este estudo busca abrir espaço para dar continuidade a investigação, a compreensão e a oportunidade de expressão desses sujeitos.

**Palavras-chave:** Memória, Identidade, Comunidade Quilombola, Lutas e conquistas.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma análise sobre a historicização dos Remanescentes de Quilombos no território brasileiro, com base em estudos teóricos, realizamos um estudo bibliográfico para entender a configuração dessa historicização, diante de pesquisas, artigos, livros e leis. Este artigo tem como finalidade analisar a constituição das identidades e das memórias dos moradores em uma comunidade quilombola. Esta comunidade pesquisada está localizada no povoado chamado Vila das Almas, há uns 25 km do município de Brejo/MA, a uma distância de 315 km da capital São Luís – MA. É certificada como comunidade quilombola desde 30.09.2005 pela Fundação Cultural dos Palmares – FCP e encontra-se em processo de

<sup>1</sup> Resultado de projeto de pesquisa realizado para o término de graduação.

<sup>2</sup> Mestre em Educação. Professora da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, dalva.araujophb@gmail.com;

<sup>3</sup> Graduado pelo Curso de História da Faculdade Internacional do Delta – FID, jrobertoms34@gmail.com;

<sup>4</sup> Graduada pelo Curso de História da Faculdade Internacional do Delta – FID, karlaabj@gmail.com;

<sup>5</sup> Mestranda em C. Educação. UTIC PY, durciane@hotmail.com;



reconhecimento no INCRA. A comunidade possui aproximadamente 500 famílias, portanto é considerada uma comunidade de território extenso.

Por muitos anos essa comunidade lutou por conquistar sua identidade e territorialidade para obtenção da visibilidade no seio da sociedade, diante disso ficaram invisíveis da população regional. É decorrente de vários noticiários a perturbação dos latifundiários com a Comunidade Vila das Almas. Essas informações são obtidas através da memória dos moradores daquela comunidade.

Portanto, conhecer mais sobre essa comunidade quilombola, Vila das Almas no Estado do Maranhão, é relevante para a produção de novas pesquisas neste contexto, para que este povo consiga ter suas lutas reconhecidas academicamente, para que esta comunidade tenha em suas memórias e em sua identidade fontes de estudos para outras pesquisas a serem realizadas futuramente.

Esta pesquisa tem como objeto central de estudo a possibilidade de investigar as memórias e a produção de uma identidade coletiva dos moradores da Comunidade Quilombola Vila das Almas, evidenciando suas lutas e conquistas ao longo deste período. Justifica-se aqui, que não podemos deixar de relatar nesta pesquisa, a partir da memória do povo da Comunidade Quilombola Vila das Almas no Estado do Maranhão, que esta luta para conquistar seu espaço territorial não foi fácil, na qual percebemos que politicamente essa luta durou por muito tempo, pois conseguimos captar essas informações através de um primeiro contato que tivemos com a Comunidade Quilombola Vila das Almas, através de relatos vivenciados por algumas pessoas dessa Comunidade Quilombola.

Para tanto, elencamos como problemática para essa pesquisa a seguinte indagação: Que relatos são mencionados pela população da Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir da memória, identificando suas lutas e conquistas para o entendimento da sua identidade como remanescentes de quilombos?

Assim, delimitamos como objetivo geral desta pesquisa: Compreender o processo de formação das identidades coletivas e das memórias da Comunidade Quilombola Vila das Almas, no sentido de problematizar seus principais embates e relações entre si e entre os grupos sociais que circundam tais comunidades. E como objetivos específicos destacamos: (i) Perceber o processo de formação de uma identidade coletiva por meio das memórias dos moradores da Comunidade Quilombola Vila das Almas – MA, a fim de entender se sentem de fato herdeiros de uma tradição quilombola; (ii) Fazer um levantamento das memórias das pessoas que vivenciaram momentos de conflitos envolvendo o poder público e a posse das terras; (iii)



Compreender as relações dos habitantes atuais com as memórias dos seus antepassados e com os grupos ao redor.

A partir das memórias dos moradores da Comunidade Quilombola de Vila das Almas, em destaque ao período já mencionado, esta pesquisa recorre a obtenção de relatos sobre suas lutas e conquistas para aquisição da identidade do povo quilombola existente naquela região. Em se tratando da contribuição para a sociedade e academia, este trabalho tem como objetivo investigar a Comunidade Quilombola Vila das Almas a partir da memória, identificando suas lutas e conquistas para o entendimento da sua identidade como remanescentes de quilombos, com isso, tentaremos colaborar no sentido da valorização da cultura e levar ao conhecimento público a relevância que este povo tem para a população brasileira.

Com esse pensamento, propomos um diálogo com os moradores da comunidade, para que nossos questionamentos sejam esclarecidos de forma que possamos ter um diálogo entre pesquisador, entrevistados e os teóricos que estudam a respeito do assunto. Em dado momento, em visita a esta comunidade, nos despertou a curiosidade das memórias ali existentes e sua construção identitária para conquistar a visibilidade na sociedade.

## **METODOLOGIA**

Na pesquisa realizada, foram feitas análises bibliográficos sobre memória e identidade do povo Quilombola, com base nos seguintes livros: Quilombolas: resistência, história e cultura; Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil; Relações étnico-raciais: para o ensino da identidade e da diversidade cultural brasileira; Liberdade por fio: história dos quilombos no Brasil; Escravidão no Brasil; Quilombos e Quilombolas: passado e presente de lutas, dentre outros que foram utilizados para a elaboração desta pesquisa. Também foram analisados os documentos da associação de moradores da Comunidade Quilombola Vila das Almas, com as informações dos embates e conquistas da comunidade, oriundas dos momentos de entrevista com a comunidade.

Após as análises documentais dessas fontes de pesquisa, começamos a realização do contato mais próximo com a comunidade. Foram realizadas observações da vivência dessa população, participando das reuniões da associação de moradores para realizar a pesquisa exploratória e assim obtivemos subsídios para a escolha dos entrevistados naquela ocasião. As visitas aconteceram a partir do mês de julho de 2017 até a finalização da coleta dos dados em que alcançamos.

Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 27), “observar é aplicar atentamente os sentidos físicos a um amplo objeto, para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”. Ainda de acordo com os autores, sem a observação, o estudo seria reduzido “[...] à simples conjectura e simples adivinhação”. Esse tipo de coleta de dados muitas vezes são determinantes para visualização da realidade existente em um dado local.

Após essa observação, foram realizadas as entrevistas na comunidade com os três colaboradores da pesquisa (iremos tratá-los aqui, como Colaborador 1, Colaboradora 2 e Colaborador 4). Estabelecemos os seguintes critérios para a escolha dos sujeitos: terem participação ativa na associação de moradores, e ter vivenciado as histórias de lutas e conquistas da comunidade durante a década de 1990. No momento da entrevista, já tínhamos alguns relatos da presidente da associação de moradores da comunidade, conhecida como Tia Dudu em conversa informal anteriormente.

Gil (2014), destaca que a entrevista é uma das técnicas de coleta de dados mais utilizadas no que diz respeito às pesquisas sociais. Esta técnica de coleta de dados é bastante apropriada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas têm de percepção, assim como suas razões para cada retorno da sua vivência no contexto em que vivem.

As entrevistas foram realizadas na própria comunidade, individualmente, com perguntas semiestruturadas para melhor obtenção dos dados que queríamos alcançar. Partindo do pressuposto que existe uma disputa em torno da memória destes personagens com relação ao espaço em que vivem, pensamos também em aprofundarmos os estudos na formação da memória coletiva destes, no processo de concretização da posse da terra, dessa maneira, teremos respaldo para dialogar sobre a identidade dessa comunidade partindo de suas memórias.

## ASPECTOS LEGAIS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Para uma melhor compreensão das Comunidades Quilombolas, iremos tomar como base o Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003, que traz o procedimento de regularização dos povos quilombolas. Primeiramente o Decreto destaca em seu Art. 1º os procedimentos administrativos para regularização das comunidades quilombolas, vejamos:

**Art. 1º** Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.



Ainda sobre o Decreto, no Art. 2º traz considerações de quilombolas a partir de uma regularização com base legal. Especificando os critérios que consideram como remanescentes de quilombos. Neste artigo ainda é enfatizado a auto - atribuição, a trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, que consistem nos critérios para sua regularização junto ao INCRA. No Art. 2º segue:

**Art. 2º** Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Vejamos, que a partir desses artigos, deste 2003, se consolidou os processos de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das propriedades de Comunidades Quilombolas, resguardando os seus direitos e, uma definição clara e objetiva das considerações de Remanescentes dos Quilombos, partindo de sua auto atribuição que estabelece os critérios do INCRA com a primeira etapa de auto reconhecimento.

Queremos aqui deixar claro, que a partir desses dois artigos é que as Comunidades Quilombolas têm seus direitos vigorados, pois o auto reconhecimento é peça fundamental para o início do processo de regularização das terras, e com base no conceito de ser grupos étnico-raciais, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas relacionada com suas resistências. É importante ainda ressaltar que:

A história mostra que a escravidão no Brasil, extrapolou em todos os aspectos quando comparada com outros países, pois aqui teve vida longa, desde o início da colonização até fins do século XIX. Se em muitas colônias do Novo Mundo a independência nacional veio junto com a abolição, aqui se destacou como último país a implementá-la. [...] Consequentemente, o tecido social que se opôs durante todo o período da escravidão foi à resistência negra (MAIA, 2012, p. 21).

Diante do diálogo de Maia (2012), é notório perceber que essa “resistência negra” se perdura até hoje, em que os negros tentam se opor ao respeito e a socialização entre a sociedade. Assim, os diálogos bibliográficos e teóricos que serão utilizados nesta pesquisa partirão dos conceitos e fundamentação dos seguintes autores: Larchert (2013); Lobão (2014); Luna e Klein (2010); Reis e Gomes (1996); Michaliszyn (2014); Gomes (2015); Silva Filho e Lisboa (2012) dentre outros livros, artigos e Leis.

Mostrando os valores desse povo para sociedade, de maneira que esta conheça e respeite as Comunidades Remanescentes de Quilombolas com vistas aos ensinamentos culturais e

enriquecimento. A partir dessa contextualização, adentramos nos conceitos que alguns autores trazem sobre os remanescentes de quilombolas. E em contrapartida falaremos da invisibilidade deste povo. Para Souza (2012, p. 49),

A invisibilidade social do afro-brasileiro manifesta-se, ainda na incapacidade de enxergá-lo fora dos papéis sociais a ele destinados pela sociedade. Em determinados papéis, a presença do afrodescendente é ‘naturalizada’; na maioria das cidades brasileiras vê-se como ‘normal’, por exemplo, um número majoritário de negros exercendo funções de subalternidade em empregos de baixa remuneração, circulando pelo centro da cidade e pelos chamados bairros nobres no exercício de tais funções, situações em que quase não são notados como pessoal, fazem parte do cenário – são invisíveis.

Assim, a maioria da sociedade ver invisível o afro-brasileiro, pois ver natural um trabalho subalterno para este povo e conseqüentemente com uma baixa remuneração e longe dos papéis sociais que circula pelos centros das grandes cidades. Considerando essa invisibilidade que a sociedade tem para com o negro, e conseqüentemente para os Remanescentes de Quilombolas, trazemos neste estudo o seu conceito, tento em vista a apreciação de sua resistência ao longo dos anos.

Com base no conceito de O’Dwyer (1995), ela destaca que o termo quilombo não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea, e também não se refere a resquícios arqueológicos de ocupação por pouco tempo, e nem são comunidades rebeladas, mais sim constituem-se em grupos que desenvolvem práticas cotidianas de lutas e resistências na conservação e reprodução de seus modos de vida característicos. Já para Arruti (2006) o conceito de quilombolas ampliou-se ao passar dos tempos, ele destaca que,

São grupos que desenvolveram práticas de resistência, na manutenção e reprodução de seus modos de vida. A territorialidade e a identidade são definidas por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados, pela sazonalidade das atividades agrícolas, extrativas e outras, e por uma ocupação de espaços que tria como base os laços de parentesco e vizinhança, assentados em relações de solidariedade e reciprocidade (ARRUTI, 2006, p. 28).

Percebemos diante desses dois conceitos dos estudiosos, que o termo quilombola, oculta alguns contextos de relutância de africanos e seus descendentes na formação e defesa de territórios étnicos, que surgiram a partir de terras doadas, compradas, abandonadas e ocupadas, entre outras formas de ocupá-las.

A partir desse primeiro momento do conceito de quilombolas, adentramos ao entendimento sobre *memória e identidade* da Comunidade Quilombola Vila das Almas em

Brejo – MA, que é o objeto de estudo desta pesquisa. Para entendermos essa identidade que vive em constantes construções oriundas de memórias daquele povo, afirmamos que não é recente enquanto processo histórico, mas sim enquanto categoria jurídica e política, assim, compreendemos que as identidades são processos em constante e incessante construção, com o resgate histórico a partir das memórias.

A compreensão e o respeito aos significados que o homem e a mulher estabelecem para suas vidas levam-nos a pensar a identidade a partir das diversas culturas e entendê-la como um processo híbrido de raça, etnia, gênero, religião, histórias de vida, escolarização, etc. Neste sentido, a identidade será formada pelas relações que darão significados às experiências da vida, ou seja, a memória, possibilitando ao sujeito as identificações necessárias para que se agregue a um grupo e seus pertencimentos.

Segundo Halbwachs (2004, *apud* Carvalho, 2006), a memória individual existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos que atribuímos a nós são, na verdade, inspirada pelo grupo. A memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o “passado aprendido pela história escrita” (Halbwachs, 2004, *apud* Carvalho, 2006, p. 75).

Maia (2012) ainda traz a contribuição sobre memória contextualizando em seus estudos que foram apresentados em seu livro, demonstrando o que aconteceu nas oficinas que foram realizadas para coletas de dados da pesquisa. Dessa maneira, segue,

É necessário que os membros das comunidades sintam-se, enquanto grupo social, construtores de um discurso identitários. Por isso, nas oficinas, a memória histórica é estimulada para fixar tudo o que, no passado, serviu para dar feição às suas diferenças étnicas e culturais, que formam uma tradição, às vezes ignorada pela tradição oficial.

Fica perceptível na fala da autora, que houve um estímulo para aguçar a memória histórica, trazendo as diferenças étnicas e culturais deste povo. Ela ainda ressalta que é relevante que estas pessoas pertencentes a este grupo sintam-se dentro do contexto de um grupo social e que são construtores e sabedores de discursos fortalecendo sua identidade.

Assim, dentro desse contexto, a autora ainda destaca a importância da memória individual e coletiva marcada por um passado escravista. Dessa maneira, cria-se “estratégias consciente e mobilizadora de ações em duas frentes: do ponto de vista sociopolítico e do ponto de vista cultural”. Diante disso, entendemos que a partir das memórias vividas pela população



da Comunidade Quilombola Vila das Almas, conseguimos compreender a identidade desse povo, a fim de identificar suas relações com seus antepassados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao decorrer desta investigação foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, dentro da Comunidade Quilombola Data Saco Vila das Almas, localizada cerca de 25 km da cidade de Brejo no Estado do Maranhão e a 315 km da capital São Luís. Possui em média 400 famílias, segundo a presidente da Associação dos Moradores, D. Maria Luduvica Costa Pereira, conhecida como D. Dudu, que foi uma das entrevistadas.

Com essas informações, buscamos então os sujeitos colaboradores desta pesquisa, que fossem moradores da Comunidade Data Saco Vila das Almas, nativos e que compunha uma história dentro dessa comunidade. Tivemos a participação de três colaboradores desta investigação e sobretudo o efetivo diálogo entre o(a) pesquisador(a) e comunidade.

A uma grande importância na participação dos colaboradores que moram na Comunidade Quilombola pesquisada, pois a partir de sua memória tivemos a oportunidade de conhecer, um pouco, momentos históricos desta comunidade, suas lutas ou empoderamento do seu território e conquistas efetivas desse povo. Essa pesquisa já teve investigações de cunho bibliográfico e agora, por se tratar da busca da memória dos sujeitos aqui entrevistados, recorreremos à história oral. A importância desse tipo de pesquisa é relatada por Thompson (1992, p. 17),

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

A contribuição da história oral é significativa para a leitura dos fatos contados a partir da memória vivida pelos sujeitos, preservando a memória física e espacial como o autor nos coloca, valorizando assim a memória do homem não somente no individual, mas sim no coletivo. Matos e Senna (2011) falam que a fonte oral traz novas perspectivas à historiografia, pois o historiador necessita de vários documentos, não se limitando somente ao escrito.

## **ENTRELEÇAMENTO DAS MEMÓRIAS DA COMUNIDADE VILA DAS ALMAS**

Toda comunidade tem sua historicidade. É a partir da identidade do seu nome que entendemos o pertencimento da comunidade, não deixando de ser um auto reconhecimento da população local. Na Comunidade Vila das Almas, que iremos tratar aqui somente como Vila das Almas, entrelaçando as falas dos entrevistados observamos a história contada em versões cujos mesmos ouviram



falar de seus descendentes. Mesmo com essas “versões” entendemos que há um entrelaçamento das mesmas, que se complementam na memória viva dos moradores. Assim, na fala de um dos seus moradores fica evidente que a partir de sua memória, ele dialoga a história desse surgimento. Colaborador 1, relata que:

Foi a partir do momento em que tínhamos que ir atrás da história, que fomos buscar na memória dos moradores idosos, para não ficar aleatório sem saber o porquê da existência da comunidade. E quando alguém perguntar, saber como responder, na realidade o nome não era para ser Vila das Almas e sim Vila das Armas. Porque era um local onde os índios guardavam suas armas, ou seja, naquele tempo que veio toda a corte portuguesa e começou a entrar em lutas e os índios tinha que ter um lugar pra guardar suas armas e eram lá. E quando foram fazer a questão que o INCRA, veio e começou a dividir as terras, deram o nome Vila das Armas e por um erro de escritura ficou Vila das Almas, mas na realidade o nome era esse e quando foram descoberto como área de quilombo através de números ou alguns projetos por ser uma área característica de negros e escravos, que às vezes o pessoal confundem muito essa questão de ser quilombola, acha que só quem é negro, só quem é escravo, só quem vive na escravidão, e não é. Eu acredito muito que ser quilombola é você pertencer a uma área de um povo que lutou, que foi bravo, que sofreu, mas que conseguiu alcançar determinadas vitórias, e veio através de tudo isso, e quando descobriram Vila das Almas por ser justamente o local onde guardavam as armas e onde tinha um maior número de negros, escravos e ser muito grande em família e o povoado em si, ficou sendo como a “sede mãe”, deram o nome Data Saco Vila das Almas, pelo fato de ser Vila das Almas que abrangeu toda essa região aqui.

Dessa forma, a explicação do nome da comunidade, para este morador, a partir de sua memória e sua busca pela história, ocorreu por um erro de escritura, pois o nome da região não era para ser Vila das Almas, e sim Vila das Armas, por toda uma história ocorrida no contexto desse povo. Assim, eles se auto reconhecem por suas lutas, pois trata-se de um povo que sofreu, mas que conseguiram alcançar vitórias dentro daquela comunidade.

Ainda, dialogamos com outro morador que relatou, partindo de sua memória, uma história sobre o surgimento do nome Vila das Almas. É importante mencionar que essas memórias trazem histórias muito parecidas, porém, cada uma com sua peculiaridade. Na memória da Colaboradora 2:

A Comunidade Vila das Almas, o que diz os mais velhos é que quando eu cheguei já existia o nome, mas o que os mais velhos dizem: e o seu Claro na verdade. É que Vilas das Almas, porque morreram três pessoas antes da luta, antes do finado Zé Alberto, e na hora de solicitar o nome da Data foi pedido esse nome, que muitas vezes nós dizíamos assim: talvez eles erraram o nome, porque a gente pensava assim eles poderiam dizer armas pelo tanto da armas que vinham aqui junto com as pessoas de fora junto com os latifundiários quando eles vinham derrubar as casas, vinham carros cheios de policiais, com muitas armas dentro do carro. Uma vez veio uma força federal de São Luís a favor da comunidade, porque esse tempo foi preciso eles pegarem essas armas e colocarem dentro de um saco e esconderam no canto que se chamava Riacho



do Mato, era o que nós pensávamos que na hora de colocar um R colocaram um L, mas o que o seu Claro diz é que foi pedido Vila das Almas porque já tinha morrido três e aí pediram pra colocar esse nome Data Saco Vila das Almas.

Na fala da entrevistada podemos observar que existe aproximação dos fatos que envolvem o nome desta comunidade com o que falou outro entrevistado, pois foi relatada por ela a troca dos nomes, da mesma forma do primeiro entrevistado. Vimos que fez um resgate sobre a memória dos moradores da comunidade, até mesmo cita o nome deles, e enfatiza que o próprio povo achava que tinham errado a letra do nome, já que o nome “armas” é descrito por conta de muitas pessoas e latifundiários que vinham para a região brigar pelas terras e traziam muitas armas. Pelo fato dessa comunidade ter sido uma espécie de “depósito” dessas armas é que a população acredita no erro do nome, que poderia sim ser chamada Vila das Armas.

## **IDENTIDADE E MEMÓRIA DOS MORADORES DA COMUNIDADE VILA DAS ALMAS**

Essa memória a partir da história oral permite um valioso conhecimento vivido e dinâmico de situações. A busca incessante pelo resgate histórico, a partir da memória do povo quilombola dessa comunidade, é importante para obtenção de sua identidade bem como para posteriores análises de fatos falados e observações realizadas *in loco*. A constatação de alguns entrevistados nos dá subsídios para essas comprovações históricas memoráveis.

Sendo assim, busca-se por meios de novas concepções e de uma conscientização da sociedade compreender como são estabelecidas as relações raciais dos espaços de nossa sociedade como uma comunidade quilombola, bem como sua contribuição para a formação de sua própria identidade. Em contrapartida, há na comunidade quem se orgulhe de ser quilombola e se reconhece como tal, como podemos observar na fala do Colaborador 3, que destaca o orgulho de viver na comunidade Vila das Almas.

A gente se orgulha de ser remanescente de quilombo, porque aqui a gente nasceu, viveu aqui nessa luta, então nós nos orgulhamos muito disso, assim mesmo com a vida difícil como é a nossa, de roça, pesca, quebra de coco babaçu, farinhada, mas protegemos essa terra que nos dar sustento. Mesmo com dificuldades, me orgulho de ser remanescente de quilombo, sempre a luta é muito difícil. Mesmo essa luta sendo difícil me identifico como quilombola.

Percebemos no relato acima um grande orgulho de pertencer a uma comunidade quilombola, mesmo que em vários momentos da sua fala destaca as dificuldades de morar na comunidade e as formas de trabalho. Durante o período de observação constatamos que a luta é difícil, no entanto, permanecem firmes e fortes para essa batalha cotidiana. A luta dentro do quilombo é uma característica evidente em



praticamente todos os quilombos rurais do território brasileiro. Essa é uma realidade visível nas pesquisas antropológicas, políticas e educacionais já divulgadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância do objeto de estudo aqui já mencionado, entendemos que a presente pesquisa tem grande relevância social, cultural e acadêmica, pois entre tantos aspectos é preciso considerar a memória dos moradores da Comunidade Quilombola. Ao meio social tentaremos contribuir com o respeito, valorização e conhecimento das comunidades quilombolas ali existentes, tendo como base a questão cultural que eles vivenciam, valorizando a mesma para o enriquecimento da sua identidade. Quanto à valorização acadêmica, acreditamos que temos a possibilidade de atingir os estudantes para se apropriarem do conhecimento dessa cultura, e assim procurar fazer novas pesquisas dentro desse contexto.

Ainda do ponto de vista acadêmico, a pesquisa em questão, pretende lançar luz a determinados personagens que, de um ponto de vista da história tradicional não ganhou visibilidade. Portanto, projetar as experiências dos moradores de comunidades quilombolas, a partir da academia, vai ser relevante para compreender outras formas de identidades coletivas e as memórias desses moradores. Do ponto de vista da historiografia, essa pesquisa se relaciona com as discussões sobre História e Identidade e História e Memória, em articulação com os trabalhos que se produzem à luz desses campos de investigação.

## REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício A. **Mocambo**: antropologia e história do professor de formação quilombola: Bauru: Edusc, 2006.

BRASIL, Congresso Nacional. **Lei Federal 4.887/2003**. Brasília, 2003.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da memória. In: **Revista Espaço Acadêmico**. Nº 56. Jan/2006. ISSN 1519.6186. Ano V. 2006.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2014.

LARCHERT, Jeanes Martins. **Resistência e seus processos educativos na comunidade negra rural quilombola do Fojo – BA**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. 2013.



MAIA, Joseane. **Herança quilombola Maranhense: história e estória**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SOUZA, Daiane; JARDIM, Drielly. Decreto 4.887/2003: constitucionalidade da regulamentação Quilombola. In: **Quilombos: territórios de memória e de identidade**. Brasília, 2012. Disponível em <http://www.palmares.gov.br/?p=19174>. Acesso em 22/mai./2022.